

Patrimônio Cultural

Entenda e preserve



Guia de atividades de educação patrimonial



Alessandra Vanessa Rossi
Analice Gomes de Lima Dias
Isabel Cristina da Silva

Organização
Rita de Cássia Francisco



Secretaria Municipal de Cultura

Patrimônio Cultural:
entenda e preserve

Guia de atividades de educação patrimonial

Alessandra Vanessa Rossi
Analice Gomes de Lima Dias
Isabel Cristina da Silva

Organização
Rita de Cássia Francisco

708.04

R831p

Rossi, Alessandra Vanessa.

Patrimônio cultural: entenda e preserve: Guia de atividades

de educação patrimonial / Alessandra Vanessa Rossi.
Campinas, São Paulo, Prefeitura Municipal de
Campinas, Secretaria Municipal de Cultura, 2009.

27 p. ilustrado.

Organizadora: Rita de Cássia Francisco.
Cartilha

I. Patrimônio cultural. 2. Educação patrimonial. I.
Dias, Analice Gomes de Lima. II. Silva, Isabel Cristina
da. III. Francisco, Rita de Cássia. IV. Título.

CDD 708.04



Sumário

Apresentação	4
Quem somos nós	6
Introdução	9
Patrimônio Individual	11
Patrimônio Coletivo	16
Patrimônio Cultural	19
Para saber mais	24



Apresentação

Fácil seria iniciar essa cartilha apresentando-a como resultado final de um curso de educação patrimonial para professores da rede municipal de ensino de Campinas, realizado a partir de uma parceria entre a Coordenadoria Setorial do Patrimônio Cultural (CSPC) e o Centro de Formação, Tecnologia e Pesquisa Educacional Prof. Milton Santos (Cefortepe), órgãos vinculados, respectivamente, às Secretarias Municipais de Cultura e de Educação.

A afirmação é correta mas bastante incompleta. Apresentamos aqui, na verdade, não um resultado final, mas um processo que está apenas começando.

Como *técnica* do patrimônio cultural, algumas inquietações sempre me perseguiram, tendo como cerne a seguinte problemática: em vista do discurso especializado e voltado a especialistas que envolve as políticas patrimoniais, como responsabilizar a população campineira por sua postura em relação ao patrimônio local e sua sensação de não pertencimento se desde o início a arquitetura monumental é que foi considerada como *preservável* e se as práticas preservacionistas só vieram a contribuir para o enaltecimento de uma cidade idealizada e, portanto, não vivida?

Com alguns colegas que partilhavam comigo dessas ideias, iniciamos uma série de ações de difusão cultural no âmbito da CSPC, dentre as quais podemos citar a cartilha *Patrimônio Cultural: entenda e preserve* e o *Folheto para TODOS*, publicação online cujo objetivo é chamar a atenção da população aos edifícios tombados da cidade e a relação que esses têm com o seu cotidiano, história e identidade.

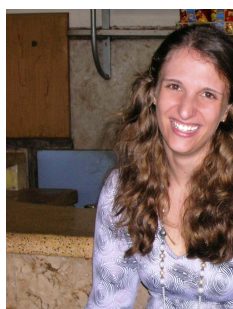
Em parceria com a Secretaria de Educação, pudemos implementar uma aspiração antiga: oferecer um curso de formação em educação patrimonial para professores. A novidade da temática em relação aos cursos tradicionalmente oferecidos pelo Cefortepe teve como consequência imediata uma baixa procura pelo curso, o que fez com que tivéssemos chegado bem perto de cancelá-lo.



A realização do curso se deve, portanto, à insistência e à dedicação de Alessandra, Analice e Isabel, que vocês terão a oportunidade de conhecer nas próximas páginas. Com o reduzido número de participantes, tive que realizar algumas alterações no programa inicial do curso e foi então que pensei na elaboração de uma cartilha de educação patrimonial. Alessandra, Analice e Isabel aceitaram o desafio proposto e trabalharam de maneira intensa e cúmplice. A elas o meu especial e carinhoso agradecimento.

Os textos dessas três participantes revelam nossos eixos de discussão durante o curso: *por que preservar?*; *o que preservar?* e, finalmente; *como preservar?* As tarefas propostas, por sua vez, foram pensadas como instrumentos capazes de auxiliar professores na aplicação de atividades de educação patrimonial em suas escolas de origem.

De modo geral, podemos dizer que esta cartilha pretende estimular situações de aprendizado sobre os processos que envolvem a figura do patrimônio cultural em seu sentido mais abrangente, seus produtos e manifestações. Não temos respostas prontas, pretendemos contribuir para que as perguntas certas sejam feitas.



Rita de Cássia Francisco

Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 2001 e mestre em Arquitetura e Urbanismo, em 2007, área de concentração História e Fundamentos da Arquitetura, também pela FAUUSP, onde atualmente desenvolve seu doutorado. Especialista cultural da Coordenadoria Setorial do Patrimônio Cultural desde 2003.

Quem somos nós

Adoro estudar, fazer cursos, aprender tudo o que possa contribuir com o enriquecimento de meu trabalho em sala de aula e do meu patrimônio intelectual.

Há algum tempo atrás realizei um curso oferecido pela Diretoria de Ensino Oeste sobre a história de Campinas. Quanta riqueza nós, campineiros natos e adotivos, possuímos! Porém, o que meus olhos vêem constantemente da parte de uma grande parcela da população é o desprezo, quando não o desrespeito, pela história da cidade.

Nessa mesma época tive o prazer de participar de alguns encontros com o grupo do curso *Pedagogia da Imagem* — fiquei encantada! Adoraria realizar esse curso na íntegra — e foi nesse meandro de tão ricas informações que me indaguei sobre como poderia trabalhar com a tecnologia para fazer com que nosso povo conseguisse se identificar com a história ao ponto de preservar todo esse nosso riquíssimo patrimônio cultural. A mente se calou... Não havia sequer uma resposta... Eu não conseguia fazer essa ligação.

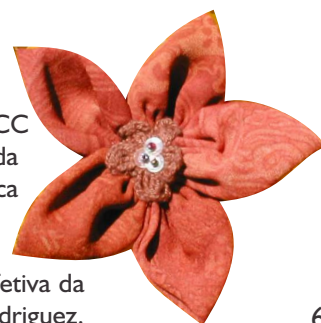
Eis que, de repente, chega em minhas mãos a nova listagem de cursos oferecidos pelo Cefortepe. Folheio, folheio e lá, escondidinho no fim da última página, aquele que poderia ser a resposta para minhas indagações não resolvidas, o curso *Patrimônio Cultural na Escola*.

Eureka! A princípio, quando me inscrevi, cheguei a acreditar que a abordagem teórica e metodológica do curso remeteria à questão do patrimônio há tempos tido e consolidado como material: *como preservar, o que preservar, e por que preservar*. Porém, o que descobri aqui, e que nos foi apresentado tão majestosamente pela Professora Rita Francisco, foi um universo infinito de possibilidades que o patrimônio cultural e todas as suas variantes — como, e principalmente, o patrimônio imaterial — nos oferecem.



Alessandra Vanessa Rossi

Professora de História, licenciada em História pela PUC em 1996 e bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação, com ênfase em Informação Tecnológica Empresarial pela UFSCar em 2000. Professora efetiva da rede municipal de ensino de Campinas desde 2003, com sede na EMEF Padre Leão Vallérie. Professora efetiva da rede estadual de ensino, com sede na E.E. Ruy Rodriguez.



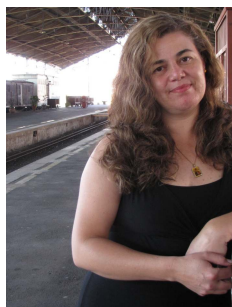
Acredito que uma educação de qualidade dispense adjetivos, assim como a medicina, contudo é de praxe criar especialidades. Já fiz Educação (Pedagogia), Educação Especial (Especialidade), Educação Infantil (Magistério, antes da Pedagogia). Depois Educação e Informática, Educação Ambiental, Ensino Religioso, Pedagogia da Imagem. Antes fiz Pedagogia da Escuta, Educação para a Paz, Educação dos Sentidos.

E agora, para sintetizar tudo, Educação Patrimonial.

A professora me pediu para que escrevesse sobre o porquê desta escolha e agora, pensando nisso, vi como por influência deste curso fiz questão de visitar minhas origens, meu processo de formação, minha própria história e tomei consciência de que estas memórias são meu patrimônio.

Os filmes que vi, os lugares por onde andei, os poucos livros que li, os textos que escrevi e aqueles que só pensei. São sinais, marcas, dicas, peças de um quebra-cabeças que eu mesma elaborei. Incluo aqui as expectativas de dar conta das cem linguagens que um autor (Malaguzzi) disse que se tem e de como é possível se dar a intercompreensão entre os povos, que só se descobre estando, entrando em contato, pessoalmente, pela internet, através da palavra ou, quando esta falta, por um simples sorriso.


São as pantomimas que aprendi na infância e que resgato num ato de desespero, as palavras que, por não dizer nada, dizem tudo a nós, não importa a nacionalidade nem a idade. Tudo que é sério pode ser hermético, mas o que é simples atinge a todos nós e o patrimônio cultural mais precioso é o riso, a alegria, que pode ser contagiante embora possa ser triste, grave, arte e de algum jeito afetante. Assim, é a educação dos afetos que nos impacta ao nos afetar, pelo sim ou pelo não, pelo belo ou não, pelo frio ou calor, pelo inóspito ou pelo odor, pelo vivido ou pelo narrado.



Analice Gomes de Lima Dias

Professora de Educação Infantil, graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas em 1990 e mestre em Educação, área Psicologia da Educação, também pela Universidade Estadual de Campinas em 1998. Professora efetiva da rede municipal de ensino de Campinas desde 1991, com sede na EMEI Recanto da Alegria.





Comecei o ano de 2009 querendo crescer, aprender coisas novas, descobrir, buscar, pesquisar. Foi com esse espírito sedento por novidades que me inscrevi no curso *Patrimônio Cultural na Escola*. Eu já tinha feito vários cursos ao longo do ano, a maioria visando ao meu aprimoramento profissional. Este não. Este eu fiz por curiosidade. Depois de ler várias resenhas de cursos oferecidos pelo Cefortepe para o 2º semestre, este me instigou. Fiquei interessada mais no aspecto cultural que a proposta oferecia, pois sempre gostei de observar e estudar as diversas manifestações culturais da sociedade para entender como elas se perpetuam. A partir da possibilidade de fazer este curso, comecei a olhar essas manifestações na escola, entre as crianças e os adolescentes com que convivo diariamente, e imaginei que me ajudaria a entender um pouco mais este mundo e suas tão diversas manifestações. Estava enganada, em partes.

Fui surpreendida quando percebi que o curso tratava de patrimônio, não de cultura. Não era exatamente o que eu tinha pensado. Mas gostei. Ao longo do curso, tão bem planejado e apresentado pela “professora-arquiteta” Rita Francisco, fui me apaixonando pelo assunto e percebendo que, na verdade, *patrimônio é cultura*. É impossível estudar uma coisa separada da outra. Por que preservamos, o que preservamos e como preservamos tem a ver com quem somos, onde estamos e de onde viemos.

Foi então que meus olhos se abriram e eu entendi o mistério que me prendia a este curso. Não são apenas monumentos e paredes preservadas, “casas velhas”, como diria minha mãe. São vidas, famílias, histórias que gritam, que dançam em nossa frente, apresentando um passado que na verdade não passou, ainda está vivo e presente. Cada objeto, cada imóvel, cada lugar, cada monumento nos revela quem somos e como chegamos aqui.

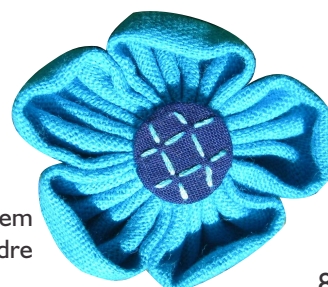
O que em nós foi recebido de herança? Muitas vezes nem percebemos, mas vivemos exatamente como nossos pais. O que vamos deixar de herança? Cabe a cada um de nós definir o que será passado, e como, para as futuras gerações.

Agora, escrevendo este texto, veio-me à memória uma frase que ouvi certa vez, que diz mais ou menos assim: *“A vida só pode ser compreendida olhando-se para trás”*. Quem somos? Como chegamos aqui? É só olhar para trás. Quem seremos? Para onde iremos? É só olhar para trás.



Isabel Cristina da Silva

Licenciada em Ciências Sociais pela Unicamp em 2005. Assistente Administrativo da EMEF Padre Francisco Silva desde 1998.



Introdução

Patrimônio Cultural é o conjunto de bens materiais e práticas culturais que se destacam no ambiente urbano e nas manifestações populares por representarem heranças técnicas, estéticas e culturais de diferentes épocas e gerações. Para ser considerado patrimônio cultural, um bem não precisa ter valor mundial nem nacional. Às vezes, seu valor é reconhecido apenas por um grupo pequeno.

Parte importante de nossa identidade, o patrimônio cultural nos permite compreender passado e presente, bem como a dinâmica da sociedade em que vivemos. Conhecê-lo é, portanto, instrumento fundamental para refletir, criticar e compreender melhor o grupo social a que pertencemos e também para conhecer outras expressões culturais cujas semelhanças complementam e cujos contrastes dão forma à nossa cultura.

Tais considerações nos levam a inferir que a informação é a base para um democrático processo de conhecimento e apropriação do patrimônio. Daí a necessidade de levar às comunidades e, sobretudo, às novas gerações o maior número de dados possível sobre seus bens e os de outras localidades, dotando-as de instrumentos capazes de dar-lhes proteção efetiva.

Às ações educativas que envolvem a sensibilização ao patrimônio cultural damos o nome de educação patrimonial, conceito que deve ser entendido aqui como um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de nossa cultura. Seu objetivo geral é, nesse sentido, justamente conduzir os jovens a uma nova forma de visão, permitindo-lhes reconhecer valores que, sem sua participação, viriam fatalmente a desaparecer de nossas vidas.

As atividades propostas foram pensadas para auxiliar professores a levarem a educação patrimonial à sala de aula mas também podem ser adaptadas e utilizadas por outros grupos ou segmentos, como museus, associações de bairro e outras entidades, governamentais ou não.

A partir da identificação dos bens que compõem o patrimônio individual dos participantes, das comunidades onde se situem as escolas ou outras instituições envolvidas, e também dos bens tombados e em estudo



de tombamento pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas (Condepacc), muitas atividades deverão ser empreendidas, com a finalidade de descrever, registrar, difundir os valores, tomar medidas para manter, conservar e restaurar os bens culturais.

Para a consecução desses objetivos, adotamos a metodologia apresentada pelo Guia de Educação Patrimonial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)¹ e pelo projeto Tesouros do Brasil², prevendo quatro etapas:

Etapas	Objetivos	Recursos
Observação	Identificação do objeto, sua função e significado; desenvolvimento da percepção visual e simbólica.	Exercícios de percepção visual e sensorial por meio de perguntas, experimentações, medições, anotações, jogos, etc.
Registro	Fixação do conhecimento percebido, aprofundamento da observação e análise crítica; desenvolvimento da memória e do pensamento lógico, intuitivo e operacional.	Desenhos; descrição verbal ou escrita; gráfico; fotografias; maquetes; mapas e plantas baixas.
Exploração	Desenvolvimento da capacidade de análise e julgamento crítico; interpretação das evidências e significados.	Análise do problema; levantamento de hipóteses; discussão; avaliação; pesquisa em outras fontes como bibliotecas, arquivos, cartórios, jornais e revistas.
Apropriação	Envolvimento afetivo; internalização; desenvolvimento da capacidade de autoexpressão; apropriação; participação criativa; valorização do bem cultural.	Recriação, releitura, dramatização; interpretação por meio de diferentes formas de expressão como pintura, escultura, drama, dança, música, poesia, texto, filme e vídeo.

Optamos por seguir também o percurso didático proposto por esses dois materiais: *patrimônio individual*, *patrimônio coletivo* e *patrimônio cultural*. Nas páginas seguintes serão apresentadas as atividades pensadas para cada uma delas. Você perceberá que essas categorias não são estanques, ao contrário, no mais das vezes são intercambiáveis e interrelacionadas.

¹ HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)/Museu Imperial, 1999.

² TESOUROS do Brasil. Livro do professor e guia de atividades. Disponível em: <www.tesourosdobrasil.com.br>. Acesso em 26/12/2007.

Patrimônio Individual

Como compreender a importância do patrimônio cultural? E mais, como respeitar e preservar esse patrimônio? A busca e reconhecimento de nossas origens é o caminho para o entendimento e a valorização desse patrimônio.

Nessa primeira etapa, apresentamos nossas sugestões para atividades que trabalhem a questão do *patrimônio individual*. No entanto, envolver as famílias nessas atividades pode ter um efeito positivo no reconhecimento de uma ideia de *identidade familiar*.

1. Autorretrato

Peça aos alunos que realizem, por meio de desenho, um autorretrato. Este deve ser feito exclusivamente pela própria pessoa, pois não faz sentido outro retratá-lo neste momento. A representação de sua própria imagem e a aceitação de sua *aparência* no mundo é um dado importante para o início do reconhecimento de sua identidade.

Nesta atividade qualquer sujeito pode se representar, dar forma para sua manifestação no mundo, ver como pensa que aparenta, criar uma imagem própria que pode ser fiel ou não. Tudo isso permite ampliar a percepção de si.

Essa atividade dá origem a um significado que precisa de um significante, ou seja, um *nome*, o que nos leva à próxima atividade proposta.

Outras sugestões:

Esta proposta pode se estender aos membros da família para se criar um álbum.

Você pode pedir também que os alunos façam, além do autorretrato atual, um autorretrato de como eram em algum momento do passado e outro de como se imaginam no futuro.

É possível utilizar como apoio para esta atividade a música *Saiba*, de Arnaldo Antunes.





Keyla Fernanda, aluna da Professora Alessandra, cursa o 6º ano C na EMEF Padre Leão Vallérie

Quando minha mãe ouviu o nome Keyla
pela primeira vez achou muito bonito
No dia que eu nasci minha mãe ia meu nome
de Keyla ou Keyla
E achou o nome Keyla, mais bonito e especial
em mim

Origem: Brasileira

Significado: que gosta de viver

2. Meu nome tem história!

Solicite aos alunos que trabalhem na produção de um pequeno texto em que contem a história de seus nomes. A atividade deve envolver quem participou da construção desta história e, portanto, deverá ser desenvolvida em casa, junto à família. Esse trabalho envolvendo os membros da família propicia um espaço de maior integração e maior abrangência da educação patrimonial, na medida em que juntos buscam suas origens.

O texto deve responder a questões como:

- Quem escolheu o nome?
- Por que escolheu esse nome?
- Qual o significado desse nome? (nos casos em que os estudantes não saibam o significado, será necessário auxiliá-lo em pesquisas em livros ou na internet)

O nome que levamos é o significante, o signo ou a marca que nos identificará pela vida. É escolhido por outras pessoas, comumente nossos pais, pelas mais diferentes razões, de modo que um mesmo nome pode assumir diversos significados dependendo daquilo que quem o atribuiu tinha em mente. É por isso que a compreensão de sua origem vem ampliar o significado desse nome e ajudar a refletir sobre as questões da identidade.

A percepção de que o nome de cada pessoa tem uma história própria desperta a ideia de que o mundo ao seu redor é também uma aparição ou manifestação e possui sua própria história. Em sua existência, cada um de nós faz parte de todas essas histórias, indo da história individual à história familiar e até a nossa história coletiva.

Outras sugestões:

Pode-se trabalhar também com a história do sobrenome e/ou de apelidos.

A atividade proposta aciona uma questão chave: *quem é você?* Para aprofundar a discussão, apresente aos alunos a canção *Gente tem sobrenome*, de Toquinho e Elifas Andreato.

Outra opção é utilizar o livro *Marcelo, Marmelo, Martelo*, de Ruth Rocha.

3. Árvore gene o quê?

Mostre aos alunos como fazer uma árvore genealógica. Você pode, por exemplo, usar sua própria árvore como modelo. Demonstre como ela representa o desenho das origens de uma história e envolve completamente a família

Apesar da complexidade que a tarefa pode assumir, sugerimos uma estratégia bem simples, apenas com o primeiro nome dos ascendentes. Caso se opte por um detalhamento maior, é possível também colocar dados como sobrenomes, datas de nascimento e locais de origem. Podem também ser utilizados desenhos, fotografias, cores, etc.

Outras sugestões:

Para esse trabalho de pesquisa sobre a origem individual e familiar também poderão ser desenvolvidas as seguintes atividades:

- Localizar em mapa os lugares de origem dos familiares;
- Construir a linha do tempo individual e/ou familiar;
- Formatar a biografia individual e/ou da família.

Há também duas canções que sugerimos trabalhar : *Eu*, do grupo Palavra Cantada e *Paratodos*, de Chico Buarque.

4. O meu tesouro

Peça aos alunos que tragam de casa um objeto que considerem um tesouro, um bem precioso. Pode-se trabalhar esta atividade como um jogo de adivinhações, em que os alunos vão dando pistas sobre seu tesouro, até que a classe desvende o mistério.

Aproveite a oportunidade para discutir com eles como cada tesouro é o patrimônio individual de cada um. Aponte também como o valor desse bem não está vinculado diretamente ao seu valor econômico, já que pode ser tanto um brinquedo quanto uma roupa bordada pela avó quando ainda era um bebê, por exemplo.

Demonstre como o conjunto dos bens dos alunos forma o patrimônio da classe e faça um paralelo com o patrimônio cultural das cidades e de nosso país.

Outras sugestões:

Para complementar a atividade, você também pode pedir aos alunos que apresentem uma história, uma foto e/ou uma música que evoquem uma memória de si. Nesse último caso, os estudantes podem pesquisar com os pais se há uma música que identifiquem a seus filhos.

Também é possível fazer uma “caixa das delícias”, montando com os alunos uma coletânea do que foi significativo para ele naquele ano, em sua escola, com seus amigos.

5. Herança Cultural

O objetivo dessa atividade é resgatar junto à família heranças que estão presentes em atividades cotidianas para compreender que um patrimônio também é passado ou transmitido, de geração em geração, de maneira não só explícita, mas também tácita.

Aqui a proposta é que se resgate junto a pais, avós e bisavós as brincadeiras que esses tinham em seu dia-a-dia e as compare com as brincadeiras de hoje, levantando questões como o que se manteve, o que mudou, em que houve adaptações e, neste último caso, o porquê desses ajustes, levando em conta, por exemplo, a percepção de como o avanço tecnológico influencia nas atividades cotidianas.

Os resultados obtidos poderão ser comparados em sala, para que se perceba que há traços característicos dentro de cada geração e que mudam ou se adaptam conforme o passar do tempo.

Outras sugestões:

A relação entre a herança cultural familiar e a tradição oral que a transfere de geração em geração pode ser percebida também ao se trabalhar com outras dimensões que não somente a das brincadeiras. É possível abordar, por exemplo, comidas, artesanatos e expressões de fala. A socialização desses conhecimentos pode ser feita por meio de danças e cantigas, exposição, feira de artesanato, degustação de comidas típicas, confecção de dicionário de gírias, etc.

Desenhos dos alunos da Professora Analice, da EMEI Recanto da Alegria, realizados depois de um passeio ao circo.



6. Percursos

Esta atividade proposta configura-se como uma transição para o próximo bloco, em que estenderemos o campo de nossa ação às questões relativas ao patrimônio coletivo.

Partimos do pressuposto de que perceber permanências e mudanças é algo fundamental para a compreensão do patrimônio cultural. Logo, para começar a prestar atenção ao nosso entorno nada melhor que trabalhar com as mudanças de espaços físicos nos lugares em que se vive ou viveu.

Para o desenvolvimento dessa atividade, a família ajudará com os detalhes e até mesmo informações que os alunos desconheçam. Solicite aos alunos que se dediquem aos seguintes levantamentos:

- Onde mora?
- Por que a família escolheu viver nesse local?
- Há quanto tempo vivem neste local?
- Houve alguma mudança na infraestrutura desse local que faz com que haja diferença entre o que era necessário para lá viver antes e hoje?
- Quais são as vantagens e desvantagens de viver nesse local?

As informações devem ser compiladas em forma de texto e apresentadas em sala de aula. A partir dos levantamentos, pretende-se puxar um fio condutor rumo ao passado, reconhecendo as reações de causa e efeito.

Outras sugestões:

Diferente vertente dessa atividade consiste em propor o levantamento de demais lugares onde os alunos já moraram, incluindo mudanças dentro do próprio bairro, mudanças de um bairro para outro e até mesmo de cidades. Discuta também os motivos que levaram a tais mudanças. Nesse levantamento poderão ser consideradas ainda as diferenças entre as casas em que a família já morou ou uma comparação entre as mais antigas e as mais novas, para que se perceba como mudanças nas necessidades familiares fizeram com que as próprias construções sofressem alterações.

Uma boa canção para se trabalhar sobre esses temas é *Minha vida*, versão de Rita Lee para a música *In my life*, dos Beatles.

Patrimônio Coletivo

O primeiro patrimônio coletivo que discutiremos é a escola e, em seguida, seu bairro, sua região. Depois da família, são esses os lugares em que se sociabiliza a maior parte do tempo. Logo, após ter iniciado nossa reflexão sobre a identidade individual, o passo seguinte é identificar-se com esses espaços de uso comum.

“Ao identificar os recursos e características que dão o caráter especial de uma localidade ou região, os alunos podem discutir as alternativas para sua preservação”.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Op. cit.*, p. 37.)

1. Será que conheço mesmo a minha escola?

Iniciando pela escola, uma primeira tarefa a se solicitar aos alunos é a de observá-la com tempo, com calma, detalhando-a em cada ambiente. Para o registro dessa atividade podem-se usar desenhos ou fotos de suas observações. Nessa atividade de observação, o material e os recursos de uso diário como uniformes, carteiras, livros, cadernos, merendas, etc., devem ser considerados.


Também se deve sugerir que os alunos entrevistem funcionários que lá trabalham há muito tempo ou localizem ex-alunos na vizinhança e na região, os quais podem inclusive estar dentro do próprio núcleo familiar.

Junto a esses, peça que realizem entrevistas para saber as permanências e mudanças no prédio, na infraestrutura e nos materiais de uso diário. A partir disso, estimule em sala de aula reflexões coletivas sobre o porquê dessas permanências e mudanças.

Concomitantemente podem ser pesquisados dados relativos à história oficial da escola. O professor deve oferecer um roteiro aos alunos de modo que busquem descobrir informações como:

- Qual o nome da escola?
- Quem escolheu o nome da escola?
- Qual o motivo deste nome?



- 
- No caso de nomes de personalidades, quem foi essa pessoa?
 - Como a escola registra sua história? Como estão organizados os registros? Quem os faz? Onde são armazenados?

Como há diversas atividades, pode-se optar por dividir os alunos em grupos, de modo que cada um deles realize paralelamente uma das instâncias propostas.

Outras sugestões:

Pode-se propor a realização de uma exposição sobre os olhares dos “cantos” da escola. Também podem ser expostos desenhos, esculturas e maquetes, todos produzidos a partir das informações coletadas nas entrevistas.

É possível pensar ainda sobre a idealização de um memorial dos alunos, ou seja, um local onde aloquem as lembranças de lugares e pessoas que marcaram o fazer cotidiano.

As disciplinas de história e geografia podem trabalhar com análise documental (ao realizar, por exemplo, uma comparação entre matrículas de determinado período passado e matrículas atuais) e dos registros populacionais passados e presente.

Os professores de matemática podem trabalhar, por exemplo, com uma planta baixa da escola marcando com cores diferentes os lugares de acordo com importância e uso. Pode-se tentar localizar a planta original da escola e identificar como o local foi sendo modificado, com acréscimos ou supressões de áreas.


2. No bairro onde moro tem...

Para começar a trabalhar aspectos do patrimônio coletivo do bairro onde se situam cada uma das escolas com atividades de educação patrimonial, a sugestão é você proponha aos alunos a reflexão, por meio de um mapa mental, sobre o caminho que realizam diariamente de casa para escola. Peça que pensem sobre esse percurso com o maior número de detalhes possível.

Em seguida, oriente a confecção individual deste mapa usando sucata ou outros recursos disponíveis.

Diante dos mapas de cada um dos alunos, proponha uma leitura comparativa destacando, por exemplo, a proximidade ou a distância entre a casa de uns e outros e os pontos de referência do bairro. Discuta porque alguns pontos de referência são citados por vários alunos e outros por poucos ou por ninguém.

Depois de finalizada essa atividade, realizada de acordo com a memória afetiva dos alunos sobre seu percurso, promova um passeio pelo bairro, no qual será possível averiguar as diferenças ou semelhanças entre o mapa mental e a situação real da escola inserida no bairro. O roteiro deve ser pré-estabelecido em conjunto com os alunos. Podem ser feitos



registros gráficos e/ou fotográficos destacando alguns detalhes para, por exemplo, montar painel com as fotos de portões, telhados, portas, etc.

Como atividade de integração, pode-se propor que os alunos maiores usem os mapas dos alunos menores como guia para circularem pelo bairro.

Como atividade final, pode-se pedir aos alunos que voltem a um mapa, dessa vez cartográfico, e registrem nele os pontos de referência que considerem mais importantes para a classe, os percursos mais utilizados, os locais onde fazem compras, passeiam, o terminal de ônibus, etc. Uma outra alternativa pode ser a confecção de uma maquete do bairro, com esses lugares de referência, tendo como centro a escola.

Outras sugestões:

Paralelamente às atividades de mapeamento, podem ser realizadas pesquisas sobre os nomes das ruas principais do bairro ou do entorno da escola. A rua tem alguma característica que a liga ao nome? Quem escolheu o nome? O que significa ou quem foi a personalidade que lhe dá nome?

Também é possível fazer uma pesquisa sobre a história oficial do bairro, por meio de reportagens de jornais e outros tipos de documentação. Onde está esse patrimônio documental da região? Há alguma associação de moradores? Como ela organiza seus registros? Outra sugestão é investigar junto aos alunos se há alguém que considerem como um personagem de referência do bairro. Nesse caso, discuta o porquê e as características desse *tesouro vivo* da região, seus costumes, roupas ou objetos marcantes.

Patrimônio Cultural

Pronto. Agora já temos bastante história para chamar de patrimônio cultural. Daquilo que vimos e que de algum modo nos afetou, podemos e temos a necessidade de tecer comentários, conversar sobre, discutir, pensar. Isso dá origem a outras necessidades como descrever, definir, reconhecer o que disso nos interessa, motiva e importa.

Assim passamos a valorizar e valorizando queremos preservar. Uma necessidade gera outra e, assim, partilhar conteúdos ou histórias de diferentes indivíduos, lugares e comunidades nos dão um panorama e meios para representar nossa própria história, assumindo esta como patrimônio cultural e reconhecendo outras como tal.

Depois de reconhecer os patrimônios mais próximos a si, professores e alunos passarão então ao campo do patrimônio cultural, no qual o âmbito de estudo é ampliado para os bens patrimoniais da cidade, podendo abranger também o estado e o país, na busca pela origem daquilo que é comum a um povo, seja ele campineiro, paulista ou brasileiro.


Compartilhando estratégias para desvendar Patrimônios Culturais:

- *Perguntando* sobre o que ou como é a sua comunidade ou outras atualmente;
- *Pesquisando* vestígios de como foram outras comunidades e a sua em outro tempo;
- *Estudando* o que e como outras pessoas contam as mesmas e novas histórias sobre o que você já conhece ou ainda vai conhecer;
- *Vivenciando*, experimentando ou, porque não, brincando de estar, fazer parte de outra comunidade ou em outro tempo e ver como se dá esta manifestação.

1. O Arqueólogo sou eu!

Esta atividade, também sugerida em outros guias de educação patrimonial, tem como objetivo revelar ao aluno o processo de descobrimento de histórias através de artefatos encontrados em escavações arqueológicas.





Peça aos alunos que tragam diversos objetos de madeira, porcelana, plástico ou outro material, que deverão ser enterrados em um local previamente escolhido por todos. Durante duas ou três semanas esses objetos ficarão lá, devendo, de vez em quando, alguém molhar o local e caminhar sobre ele. Após esse período, os alunos deverão retornar ao lugar onde os objetos foram enterrados, munidos de pá, pincel, sacos plásticos e luvas para escavar e encontrar todo o material. Os objetos encontrados deverão ser colocados em uma mesa e os alunos deverão fazer uma *restauração*, ou seja, tentar recuperá-los da melhor maneira possível.

Após observações e anotações, faça uma discussão com os alunos sobre as formas de conservação. O que mudariam para aquele objeto se fosse mais bem conservado, protegido da ação do tempo, da água e da terra? Discuta também o que revelam aqueles objetos, como são exemplos dos hábitos de vida de hoje, dos materiais e tecnologias disponíveis. Em seguida, demonstre como essa atividade é importante para descobrir como eram os tempos anteriores ao nosso.

Outras sugestões:


Para o melhor aproveitamento desta atividade sugerimos a presença e a orientação de um arqueólogo profissional, pois este poderá dar informações técnicas importantes para as discussões sobre conservação e restauração.

É possível também utilizar a música *Sobradinho*, de Sá e Guarabyra, para atividades em sala de aula.

2. Conhecendo a Cidade

Os espaços também falam, conversam, informam. Dizem-nos o que são, o que foram e o que significam para as pessoas que por eles passam, e tornam-se referenciais para a população por sua localização, história, ocupação, deterioração ou conservação. *Estar* num dado espaço já nos garante a percepção do que é ou foi este lugar, contudo a pesquisa prévia sobre este espaço nos leva a *saber* e assim *ser* parte dele. As atividades que se seguem visam levar o aluno a *estar* na cidade, sabendo sua história, conhecendo as personalidades que a marcaram, seus monumentos e prédios tombados.

Sugere-se, por meio da pesquisa prévia em livros ou internet, com destaque para alguma curiosidade ou história que não é tão conhecida ou divulgada, a elaboração coletiva de um roteiro a ser explorado num passeio pela cidade, observando e estudando monumentos, pontos históricos e turísticos. Essa abordagem é fundamental para garantir o interesse da turma: a visita deve ser realizada a partir do referencial dos alunos, e não a partir de um roteiro *oficial* que possa existir.



Será interessante e mais proveitoso se essa atividade puder ser monitorada por alguém de posse de todas as informações sobre os locais visitados.

Durante a visita, o professor deve orientar os alunos a procurarem nos edifícios, ruas e praças, dados que os ajudem a discutir posteriormente em sala de aula a história da cidade, dos vários grupos sociais do passado e do presente e dos acontecimentos que os marcaram:

- Como e quando surgiu?
- Quais infraestruturas e tecnologias dispunha no tempo em que os espaços visitados foram construídos e como se transformou em comparação com os dias atuais?
- Quais as pessoas que frequentavam e/ou moravam nos diferentes espaços naqueles tempos e nos dias de hoje?
- Quais as diferenças entre o estilo de vida atual e da época?

Os produtos finais solicitados podem variar, dependendo das disciplinas envolvidas, além de história, cujo professor tem a tarefa de conduzir todo processo. Podem ser, por exemplo: redações; exposição de fotografias ou desenhos; peças de teatro; vídeos; maquetes; criação de painéis históricos e turísticos informativos; livretos; feiras e exposições, etc. Também é possível pensar em atividades que englobem os outros níveis de patrimônio já trabalhados — individual e coletivo — propondo a realização de uma gincana que envolva toda a comunidade ou de um memorial, em que os alunos aloquem lembranças de lugares e pessoas que marcaram suas vidas, suas comunidades e sua cidade.

Outras sugestões:


A disciplina de geografia apresenta outra importante chave para discussão: o estudo das populações. Como e quanto mudou a população da cidade? Neste caso, estimule os alunos a pensarem que hoje Campinas tem uma população de dia e outra de noite, visto que a cidade é ocupada por populações que aqui só trabalham de dia e ou só moram de noite. Além disso, discuta como a cidade sempre atraiu e ainda atrai trabalhadores e estudantes e como isso acrescentou e ainda repercute na transformação das características culturais da cidade.

3. Campinas fazendo arte

Depois de conhecermos fisicamente nossa cidade, perguntamos aqui: o que importa em Campinas? Ou melhor, quem importa em Campinas? Ou, ainda, quem projeta Campinas?

Seus cientistas, professores, políticos, empresários, médicos? E artistas então? São palhaços e bailarinas, pintores e escultores, compositores, maestros e musicistas, mestres, jogadores, arquitetos e construtores, poetas, escritores e contadores. E muitos mais.

Fica aqui o convite: desvende sua cidade.



Revele talentos, consagre saberes, imprima cultura, acolha memórias. Em meio às marcas do tempo ou à luz do dia-a-dia do anonimato, onde flui o patrimônio cultural que verte aos sentidos. Nas ruas, janelas e calçadas. Nos lustres, pinturas, grafites e marquises. Nos lanchinhos em formato boca de anjo e pastéis. Seja no majestoso estádio ou no brinco de ouro da princesa. Numa reviravolta entre chapéus e casarões, museus e barões.

Campinas sempre foi um berço de produção artística. Alguns artistas são renomados, caso do compositor Carlos Gomes ou do arquiteto Ramos de Azevedo. Outros tantos, porém, igualmente talentosos, são conhecidos apenas por poucos sortudos.

No conhecimento de nosso patrimônio cultural é imprescindível que sejam levantadas por professores e alunos essas *artes* de Campinas. Estimule uma pesquisa sobre as diferentes produções (pintura, escultura, arquitetura, música, dança, teatro, literatura, artesanato, cinema, fotografia e o que mais vier à sua cabeça!) existentes na cidade ao longo da história e contemporaneamente.

O resultado da pesquisa pode gerar, como produto final, reproduções e releituras de obras e, juntamente com a biografia dos artistas escolhidos pelos alunos, integrar uma exposição/apresentação itinerante a ser levada às escolas ou instituições participantes do programa de educação patrimonial, favorecendo a troca de experiências

Outras sugestões:

Você também pode estimular os alunos a investigarem os artistas de seu bairro ou da comunidade na qual a escola se situe. Lembre-os de que artista é alguém que *faz arte*, não precisando ser, necessariamente, famoso.


Para trabalhar a questão desses artistas anônimos, sugerimos trabalhar o poema *Perguntas de um operário que lê*, de Bertold Brecht.

Outra opção de atividade é realizar, utilizando a mesma metodologia proposta, uma pesquisa sobre cientistas e pesquisadores de Campinas, lembrando aos alunos a relação marcante da cidade com a tecnologia.

4. Desvendando vestígios culturais no espaço e no tempo

A proposta desta atividade é promover junto aos alunos uma pesquisa sobre traços da cultura de outras regiões na formação do patrimônio cultural de Campinas, abordando questões como construções e locais de interesse, hábitos, costumes, alimentos, linguajar e outras formas de manifestação.

A dilatação do espaço de Campinas, provocada pela adequação às novas necessidades culturais, populacionais, econômicas e sociais, deve ser abordada como o tema inicial de alguns questionamentos, em relação a diferentes épocas:



- Qual era e qual é hoje o tamanho de Campinas em termos territoriais e populacionais?

- Onde *acontecia* e onde *acontece* Campinas hoje?

- Quem movimentava e movimenta Campinas hoje?

- Quais as formas e os materiais da arquitetura e dos equipamentos urbanos utilizados no passado e no presente? Quais suas influências artísticas e de estilos? Quais as disponibilidades de materiais e tecnologias de cada época? Quais as diferenças nas construções habitacionais, comerciais e de serviços?

A partir dos pontos levantados pelos alunos, discuta como fatores como a migração alteraram a feição da cidade, transformando-a espacialmente mas também em termos de referências culturais. Demonstre a pluralidade de Campinas, hoje não mais uma cidade única, mas um misto de muitas cidades dentro de si. Debata as diferenças e semelhanças entre cada uma dessas Campinas, se há diferenças no jeito de morar e conviver.

Discuta ainda quais foram e quais são os espaços de sociabilidade e de lazer dentro da cidade. A partir dos locais apontados pelos alunos, aprofunde a questão observando quais permaneceram, quais foram modificados, quais foram extintos e quais foram recuperados. Estimule que reflitam sobre o que levou à mudança nas opções de lazer.

Por fim, peça aos alunos que se atentem às características culturais de cada região da cidade, procurando elucidar questões como essas:

- Há alguma festividade coletiva? Foi trazida de fora da cidade e se ressignificou aqui ou surgiu na própria comunidade?

- Existem pratos típicos de outras regiões do país que se tornaram muito comuns devido à presença de migrantes?

- Há algum vocábulo, lenda ou música que também foi trazido para contribuir com nosso repertório cultural?

É possível enriquecer essa atividade com um intercâmbio das informações coletadas em escolas de diferentes lugares da cidade. Os alunos de uma escola da região central podem, por exemplo, trocar informações com outros de escolas de uma região de ocupação mais recente ou de áreas rurais. Como produto final, uma boa sugestão é formalizar apresentações de uma escola para a outra por meio de seminários, declamações de textos, fotografias ou vídeos, todos produzidos pelos alunos.

O resultado de todas as escolas pode, por sua vez, ser organizado em uma exposição itinerante que deverá percorrer escolas, museus, casas de cultura e outros espaços de convivência, mostrando quão rico é o nosso patrimônio cultural, com suas semelhanças e contrastes.

Outras sugestões:

Há em Campinas vários locais a serem visitados por professores e alunos como complemento ou apoio às atividades de educação patrimonial.

Aqueles que guardam arquivos históricos podem, por exemplo, ajudar o aluno a entender e visualizar questões relativas à história de Campinas por meio da preservação de documentos. Pode-se analisar mapas antigos ou registros de administração que indiquem como era a cidade e seu entorno e levar o aluno a descobrir o que mudou e o que poderia ter causado essa mudança. É possível também propiciar o contato com livros antigos, analisando formas de expressão, ortografia e costumes de sua cidade ou região.

Em museus os alunos poderão ver um pouco do passado e do presente contado por meio de fotos, pinturas e objetos. A possibilidade de ver de perto como é a rotina dos técnicos que lá trabalham também deve ser explorada. Oriente aos alunos a que levem material para anotação e façam observações detalhadas de tudo o que virem por lá. Após a visita, propõe-se que os alunos discutam e compartilhem informações e impressões que tiveram durante a atividade, quais as curiosidades e histórias que mais chamaram sua atenção, o que mais os impressionou, etc.

Não se deve esquecer também das casas, pontos e pontinhos de cultura, lugares propícios ao contato com diferentes formas de manifestações artístico-culturais.

Arquivo Municipal

Lago do Café, Avenida Heitor Penteado, 2145, Taquaral. Fone: (19) 3256-1800

Bibliotecas Municipais

<http://www.campinas.sp.gov.br/governo/cultura/coordenadoria-setorial-bibliotecas.php>

Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA)

Rua Bernardino de Campos, 989, Centro. Fone: (19) 3231-2567

Centro de Memória da Unicamp (CMU)

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 800, Cidade Universitária, Barão Geraldo.

Fone: (19) 3521-5250

Museus Municipais:

<Http://www.campinas.sp.gov.br/governo/cultura/museus/>

Rede de pontos de cultura de Campinas:

<http://www.campinas.sp.gov.br/governo/cultura/pontos-cultura.php>



Para saber mais

Referências bibliográficas

ARANTES, Antonio Augusto (org.). *Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo: Brasiliense/Secretaria de Estado da Cultura, 1984.

CASTRO, Sonia Rabelo. *O Estado na preservação de bens culturais: o tombamento*. Rio de Janeiro: Renovar, 1991.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, 2001.

CONSERVAÇÃO preventiva do patrimônio cultural: educar para preservar. Arte e ciência. Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA/MG), 2002.

CURY, Isabelle. *Cartas patrimoniais*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

CHUVA, Márcia (org.). *A invenção do patrimônio: continuidade e ruptura na constituição de uma política oficial de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1995.

CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). *O direito à memória*. Patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1992.

GONÇALVES, José Reginaldo. Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1988, p. 264-275.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)/Museu Imperial, 1999.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. (sem título). *Comunidade em debate: patrimônio ambiental urbano*. São Paulo: Emplasa - Unidade de Ação Comunitária, 1979.

PESSOA, Ângelo Emílio da Silva (Org.). *Conhecer Campinas numa perspectiva histórica*. Campinas: Secretaria Municipal de Educação, 2004.

SILVA, Marcos A. Patrimônios Históricos. In: _____. *História: o prazer em ensino e pesquisa*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 39-60.

TESOUROS do Brasil. Livro do professor e guia de atividades. Disponível em: <www.tesourosdobrasil.com.br>. Acesso em 26/12/2007.



Legislação básica sobre proteção e salvaguarda de bens culturais

Brasil. *Constituição do Brasil de 1988*. Capítulo sobre o uso do solo urbano, função social da propriedade e patrimônio (artigos 20, 23, 24, 30, 215 e 216).

Brasil. *Decreto-lei nº. 25 de 30 de novembro de 1937*. Organiza a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Brasil. *Lei nº. 3924 de 26 de julho de 1961*. Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.

Brasil. *Lei nº. 4.845 de 19 de novembro de 1965*. Proíbe a saída, para o exterior, de obras de artes e ofícios produzidos no País, até o fim do período monárquico.

Brasil. *Decreto nº. 3551 de 04 de agosto de 2000*. Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o programa nacional do patrimônio imaterial e dá outras providências.

Campinas (SP). *Lei nº 5.885 de 17 de dezembro de 1987*. Dispõe sobre a proteção e preservação do patrimônio histórico, artístico, estético, arquitetônico, arqueológico, documental e ambiental do município de Campinas.

Na internet

www.unesco.org.br

www.iphan.gov.br

www.cultura.sp.gov.br

www.campinas.sp.gov.br/governo/cultura/patrimonio

Expediente

Prefeitura Municipal de Campinas

Prefeito Municipal
Dr. Hélio de Oliveira Santos

Secretário Municipal de Cultura
Arthur Achilles Duarte de Gonçalves

Coordenadora Setorial do Patrimônio Cultural
Daisy Serra Ribeiro



Equipe técnica

Pesquisa e texto
Alessandra Vanessa Rossi
Analice Gomes de Lima Dias
Isabel Cristina da Silva

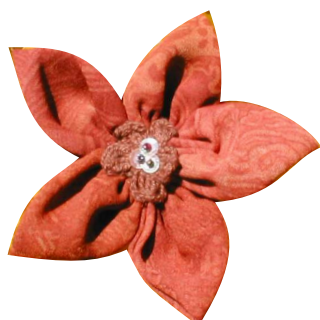
Organização, edição e projeto gráfico
Rita de Cássia Francisco

Revisão Final
José Hermes Martins Pereira



Agradecimentos

Secretaria Municipal de Educação
Departamento Pedagógico
Cefortepe
EMEF Padre Francisco Silva
EMEF Padre Leão Vallérie
EMEI Recanto da Alegria



Campinas, dezembro de 2009.